

Artigos originais baseados em dados empíricos

Percepção discente acerca da espiritualidade e seus desdobramentos: um estudo fenomenológico

Isadora Pinto Flores¹, Eliane Ramos Pereira¹, Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva¹,
Janaína Mengal Gomes Fabri¹ e Vanessa Carine Gil de Alcantara²

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

² Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Submissão: 2 out. 2024.

Aceite: 6 abr. 2026.

Editor de seção: Vinicius Pereira de Sousa.

Nota dos autores

Isadora P. Flores  <https://orcid.org/0000-0002-5429-672X>

Eliane R. Pereira  <https://orcid.org/0000-0002-6381-3979>

Rose Mary C. R. A. Silva  <https://orcid.org/0000-0002-4310-8711>

Janaína M. G. Fabri  <https://orcid.org/0000-0002-4777-4746>

Vanessa Carine G. de Alcantara  <https://orcid.org/0000-0002-8508-0163>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Isadora Pinto Flores, Rua Doutor Celestino, 74, 6º andar, Centro, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. CEP 24020-091. E-mail: isadoraflores@id.uff.br

Conflito de interesses: Não há.

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar as experiências de estudantes de Psicologia acerca da espiritualidade no contexto do Estágio Curricular Clínico, considerando os atendimentos realizados e o suporte oferecido pelo conteúdo teórico da graduação. Participaram da pesquisa 24 estudantes-estagiários do nono e décimo períodos do curso de Psicologia de uma instituição privada localizada em Niterói-RJ. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter empírico-descritivo, fundamentada na fenomenologia, com coleta de dados realizada por meio de entrevistas fenomenológicas e formulário de caracterização sociodemográfica. A análise dos dados foi conduzida segundo o método fenomenológico proposto por Amedeo Giorgi (1975). A partir da análise das entrevistas, emergiram duas categorias temáticas: “O exercício da *epoché*: despir-se de si mesmo”, subdividida em “A demanda é do outro” e “A terapia pessoal como suporte à prática clínica”; e “O papel da graduação relacionado à espiritualidade”, composta pelas subcategorias “O oferecimento de um espaço de discussão e reflexão”, “A inclusão curricular de disciplinas acerca da espiritualidade”, “Posicionamento docente: um distanciamento da espiritualidade”, “A graduação como possibilidade de ampliação do olhar” e “O afastamento da espiritualidade após a graduação”. Os resultados indicam que os estudantes compreendem a importância de focar as demandas do paciente, reconhecendo a necessidade de suspensão momentânea de crenças pessoais no contexto clínico, bem como o papel da terapia pessoal nesse processo. Evidencia-se, ainda, a percepção de lacunas na formação acadêmica quanto à abordagem da espiritualidade, embora os participantes relatem atuar de forma ética em seus estágios.

Palavras-chave: espiritualidade, psicologia, estagiário de psicologia, clínica, formação

STUDENTS' PERCEPTION OF SPIRITUALITY AND ITS CONSEQUENCES: A PHENOMENOLOGICAL STUDY

Students' Perception of Spirituality

Abstract

This study aimed to analyze the experiences of psychology students regarding spirituality within the context of Clinical Internship, considering the care provided and the support offered by the theoretical content of their undergraduate training. The study included 24 student interns enrolled in the ninth and tenth semesters of a Psychology undergraduate program at a private institution located in Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. This is a qualitative, empirical-descriptive study grounded in phenomenology, with data collected through phenomenological interviews and a sociodemographic characterization form. Data analysis was conducted following the phenomenological method proposed by Amedeo Giorgi (1975). From the analysis of the interviews, two thematic categories emerged: “The exercise of *epoché*: stripping oneself of prior assumptions”, subdivided into “The demand The demand belongs to the patient” and “Personal therapy as support for clinical practice”; and “The role of undergraduate training in relation to spirituality”, composed of the subcategories “The offering of a space for discussion and reflection”, “The curricular inclusion of disciplines about spirituality”, “Professor positioning: distancing oneself from spirituality”, “Undergraduate training as a possibility of opening one's perspective”, and “Distancing from spirituality after undergraduate training”. The results indicate that students understand the importance of focusing on patients' demands, recognizing the need to temporarily suspend personal beliefs within the clinical context, as well as the role of personal therapy in this process. Furthermore, the findings highlight perceived gaps in academic training regarding the approach to spirituality, although participants report acting ethically in their clinical internships.

Keywords: spirituality, psychology, psychology interns, clinical practice, training

LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES SOBRE LA ESPIRITUALIDAD Y SUS CONSECUENCIAS: UN ESTUDIO FENOMENOLÓGICO

Percepción de los Estudiantes: Espiritualidad y sus Consecuencias

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar las experiencias de estudiantes de Psicología acerca de la espiritualidad en el contexto de la Práctica Clínica, considerando las atenciones realizadas y el soporte ofrecido

por el contenido teórico de la formación de grado. Participaron en la investigación 24 estudiantes en prácticas de los noveno y décimo semestres del curso de Psicología de una institución privada ubicada en Niterói, Río de Janeiro, Brasil. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter empírico-descriptivo, fundamentada en la fenomenología, con recolección de datos realizada mediante entrevistas fenomenológicas y un formulario de caracterización sociodemográfica. El análisis de los datos fue conducido según el método fenomenológico propuesto por Amedeo Giorgi (1975). A partir del análisis de las entrevistas, emergieron dos categorías temáticas: “El ejercicio de la epoché: distanciarse de sí mismo”, subdividida en “La demanda es del otro” y “La terapia personal como apoyo a la práctica clínica”, y “El papel de la formación de grado en relación con la espiritualidad”, compuesta por las subcategorías “La oferta de un espacio de discusión y reflexión”, “La inclusión curricular de contenidos sobre espiritualidad”, “Posicionamiento docente: un distanciamiento de la espiritualidad”, “La formación de grado como posibilidad de ampliación de la mirada” y “El alejamiento de la espiritualidad después de la graduación”.

Los resultados indican que los estudiantes comprenden la importancia de centrarse en las demandas del paciente, reconociendo la necesidad de suspender momentáneamente las creencias personales en el contexto clínico, así como el papel de la terapia personal en este proceso. Asimismo, se evidencian lagunas en la formación académica en cuanto al abordaje de la espiritualidad, aunque los participantes informan actuar de manera ética en sus prácticas clínicas.

Palabras clave: espiritualidad, psicología, estudiantes en prácticas de psicología, práctica clínica, formación

A espiritualidade é um fenômeno complexo e multifacetado, frequentemente distinguido de conceitos como religiosidade institucional, moral, valores e saúde mental, embora dialogue com todos eles. Pode ser compreendida como uma busca pessoal por sentido e significado da vida, envolvendo a relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o sagrado ou transcendente (Koenig, 2012). Trata-se de uma dimensão da experiência humana que ultrapassa a concretude da imanência e se expressa de forma singular em cada sujeito, influenciando modos de viver, enfrentar o sofrimento e atribuir sentido às experiências (Boff, 2014; Flores, 2024; Santos et al., 2025).

Embora frequentemente utilizados de forma intercambiável, os conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião não são sinônimos. A espiritualidade refere-se à dimensão subjetiva da experiência humana relacionada à busca por sentido, propósito e conexão, podendo ou não estar vinculada a tradições religiosas (Koenig, 2012; Pargament, 2021). A religiosidade diz respeito à forma como o indivíduo vivencia crenças e práticas associadas a uma religião, enquanto a religião se refere a sistemas institucionais organizados de doutrinas, normas e rituais (Koenig, 2012). Neste estudo, a espiritualidade constitui o eixo central de análise, sendo as referências à religião e à religiosidade compreendidas a partir das narrativas dos participantes.

A compreensão ampliada do conceito de saúde reforça a relevância dessa dimensão. A saúde é entendida não apenas como ausência de doença, mas como um estado de bem-estar físico, mental, social e espiritual (Fleck, 2000). Assim, o cuidado em saúde, para ser integral, demanda a consideração de aspectos subjetivos que atravessam a experiência do adoecimento, entre eles a espiritualidade.

No campo da Psicologia, cuja formação se fundamenta na compreensão do sujeito em sua complexidade biopsicossocial e histórica, a espiritualidade emerge como uma temática relevante, especialmente no contexto da prática clínica. Apesar disso, estudos indicam que a formação acadêmica ainda apresenta lacunas importantes quanto à abordagem dessa temática, seja pela ausência de disciplinas específicas, seja pela escassez de espaços de discussão ao longo da graduação (Carvalho et al., 2011; Cavalheiro & Falcke, 2014; Vieira et al., 2013; Henning-Geronasso & Moré, 2015; Pereira & Holanda, 2016; Flores, 2024).

Diante desse cenário, ao ingressar no Estágio Curricular Clínico, muitos estudantes de Psicologia se deparam, pela primeira vez, com demandas dos pacientes que envolvem questões espirituais. A ausência de respaldo teórico e técnico pode gerar insegurança quanto à forma de acolher essas falas, suscitando dúvidas sobre como agir eticamente, manter uma escuta sensível e respeitar os limites da prática psicológica.

Considerando que a espiritualidade ocupa um lugar significativo na cultura e na vida de grande parte da população, compreende-se que sua presença no contexto clínico não pode ser ignorada. O acolhimento dessa dimensão, quando realizado de forma ética e fundamentada, pode contribuir para uma compreensão mais ampla da experiência do paciente e para a qualificação do cuidado em Psicologia.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar as experiências de estudantes de Psicologia acerca da espiritualidade no contexto do Estágio Curricular Clínico, considerando os atendimentos realizados e o suporte oferecido pelo conteúdo teórico da graduação.

Método

A pesquisa caracteriza-se como empírica e qualitativa, fundamentada na abordagem fenomenológica, à luz da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty (1908–1961). Em consonância com os pressupostos fenomenológicos, o estudo apresenta caráter descritivo, buscando compreender e descrever a experiência vivida dos participantes em relação ao fenômeno investigado — a espiritualidade no contexto do estágio clínico —, tal como se manifesta à consciência, sem a imposição de categorias explicativas prévias. A investigação privilegiou a descrição rigorosa das experiências relatadas, com posterior análise fenomenológica, visando apreender os significados essenciais do fenômeno estudado (Gil, 2022).

Participantes

Participaram deste estudo 24 estudantes-estagiários do curso de graduação em Psicologia de uma instituição de ensino superior privada na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, independentemente de gênero ou crença espiritual. Ressalta-se que, em pesquisas fenomenológicas, o número de participantes não é definido por critérios estatísticos, mas pela possibilidade de aprofundamento das experiências descritas, sendo a saturação do significado o principal critério para encerramento da coleta (Gil & Yamauchi, 2012). O campo da pesquisa foi o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da instituição coparticipante, local no qual os estagiários de clínica realizam suas atividades com os pacientes.

Para compor a amostragem, como critério de inclusão, foram selecionados alunos matriculados no 9º e 10º períodos, inscritos regularmente na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório, com experiência em atendimentos clínicos psicológicos, que estivessem em supervisão de estágio clínico há, no mínimo, seis meses, a fim de que já tivessem aproximação com demanda de pacientes. Foram excluídos os alunos que só possuíam experiência com atendimentos clínicos psicológicos infantis.

A verificação dos períodos da graduação foi realizada por meio do sistema integrado da instituição, que calcula o período com base no percentual de disciplinas obrigatórias cumpridas, garantindo a identificação precisa dos alunos elegíveis.

Os participantes foram convidados a participar do estudo por três meios distintos: (a) envio de e-mails aos estagiários elegíveis, conforme os critérios de inclusão; (b) convite presencial após as supervisões do Estágio Curricular Obrigatório, mediante autorização do professor-supervisor; e (c) amostragem em cadeia do tipo *snowball* ou bola de neve, que ocorre por meio de uma amostragem não probabilística, utilizando cadeias de referências. A partir de um participante semente ou informante-chave, inicia-se a busca por indivíduos que se enquadrem nos critérios definidos *a priori* para a pesquisa: o próprio participante convida outros para a inclusão

na coleta de dados (Vinuto, 2014). Esta se mostrou a estratégia mais eficiente para a composição da amostra. Em todos os casos, os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas ocorreram em sala reservada no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA).

A coleta foi encerrada por saturação das informações, quando as entrevistas passaram a apresentar recorrência de sentidos, sem acréscimo de novos significados (Gil, 2022).

Para organização dos dados, os participantes foram identificados pela letra P e por um número, aleatoriamente, para garantir o sigilo das informações coletadas.

Instrumentos

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista fenomenológica que, iniciada com uma questão disparadora, permite abrir o diálogo entre pesquisador e pesquisado (Gil, 2022). Nessa técnica, o entrevistador é, também, instrumento, buscando acessar e apreender a essência do fenômeno conforme descrito pelo participante em suas experiências singulares (Ramos et al., 2022). Como instrumento na coleta, foi utilizado um roteiro de entrevista com perguntas abertas que possibilitaram melhor apreensão de informações.

Além da entrevista fenomenológica, foi aplicado como instrumento de coleta um formulário de caracterização sociodemográfica, com questões previamente formuladas pela pesquisadora e suas respostas por ela anotadas. O formulário pode ser compreendido como um meio-termo entre o questionário e a entrevista (Gil, 2022). Foi utilizado para fornecimento de informações básicas sobre os participantes, para melhor esclarecimento do seu perfil. Os dados foram tabulados no programa Excel, sendo calculada a frequência absoluta para fins de descrição da amostra.

O formulário de caracterização sociodemográfica teve finalidade exclusivamente descritiva, não sendo incorporado ao processo de análise fenomenológica propriamente dita. Seu uso visou apenas contextualizar o perfil dos participantes, sem interferir na apreensão dos significados da experiência vivida, preservando, assim, a coerência com os pressupostos da abordagem fenomenológica.

Procedimentos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Antônio Pedro/Universidade Federal Fluminense/Faculdade de Medicina (HUAP/UFF/FM), considerado aprovado e liberado para a coleta de dados com o parecer de número 1.901.552, CAAE: 62130816.5.0000.5243.

Os participantes foram esclarecidos sobre todos os procedimentos que seriam realizados na pesquisa. Foi mantido o anonimato durante todo o processo, e esses tinham ciência de que poderiam solicitar a saída, se assim desejassem, em qualquer momento, caso se sentissem desconfortáveis de algum modo. Além da assinatura, por parte dos participantes, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram respeitadas meticulosamente as proposições da Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Durante o processo de análise, adotou-se a postura fenomenológica de suspensão de pressupostos teóricos e crenças pessoais (*epoché*), conforme preconizado pela fenomenologia, não no sentido de neutralidade absoluta, mas como um esforço reflexivo de abertura à experiência do participante, permitindo que os significados emergissem a partir das descrições apresentadas. A análise seguiu as quatro etapas propostas por Giorgi (1975): (1) leitura do conjunto dos relatos para apreensão do todo; (2) discriminação das unidades de significado; (3) transformação dessas unidades em expressões psicologicamente sensíveis; e (4) síntese das unidades transformadas em uma estrutura consistente da experiência (Polit & Beck, 2018). As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador de áudio MP3 e transcritas na íntegra para posterior análise, respeitando a integridade do conteúdo das falas dos participantes.

Resultados

Participaram da pesquisa 24 estudantes-estagiários do curso de Psicologia, majoritariamente do gênero feminino, com idades predominantemente entre 22 e 28 anos, matriculados no 9º e 10º períodos da graduação. Os participantes apresentaram diversidade quanto à orientação sexual, raça e crença religiosa, contemplando diferentes experiências de espiritualidade.

A análise fenomenológica das entrevistas, realizada a partir de leituras sucessivas e da discriminação das unidades de significado, possibilitou a emergência de duas categorias temáticas centrais. A primeira, intitulada “O exercício da *epoché*: despir-se de si mesmo”, foi composta pelas subcategorias “A demanda é do outro” e “A terapia pessoal como suporte à prática clínica”.

A segunda categoria, denominada “O papel da graduação relacionado à espiritualidade”, desdobrou-se nas subcategorias “O oferecimento de um espaço de discussão e reflexão”, “A inclusão curricular de disciplinas acerca da espiritualidade”, “Posicionamento docente: um distanciar-se da espiritualidade”, “A graduação como possibilidade de abertura do olhar” e “O afastamento da espiritualidade após a graduação”.

As categorias expressam os significados atribuídos pelos estudantes às suas experiências com a espiritualidade no contexto do estágio clínico e da formação acadêmica, conforme discutido a seguir.

Discussão

O exercício da *epoché*: despir-se de si mesmo

Cada ser humano, constituído por sua formação social, histórica, cultural e subjetiva, interpreta o mundo a partir de sua singularidade, o que atravessa também sua vivência da espiritualidade. No trabalho terapêutico, esse encontro entre singularidades pode envolver divergências de valores, crenças e visões de mundo, influenciando a relação clínica.

Nesse contexto, a *epoché*, ou redução fenomenológica, refere-se ao esforço de suspender provisoriamente pressupostos pessoais e conhecimentos prévios, permitindo apreender o fenômeno tal como se apresenta à experiência do outro (Matthews, 2011). No estágio clínico, os estudantes relataram que esse exercício se torna especialmente necessário diante das demandas

espirituais trazidas pelos pacientes, exigindo reflexão contínua sobre as próprias crenças e posicionamentos.

A demanda é do outro

Para que não seja comprometido o vínculo entre o (futuro) profissional e o paciente, o primeiro deve estar ciente de que o *setting* terapêutico busca atender aos anseios e às necessidades do segundo, e não dele mesmo: a demanda é do outro. Dessa forma, a redução fenomenológica entra em ação: espiritualidade, crenças, valores e todo e qualquer juízo prévio devem ser suspensos para o atendimento integral do paciente, pois o enfoque está nele, e é a sua perspectiva que se almeja capturar. Assim, evitar levar os próprios conceitos para o ambiente de estágio é imprescindível. Contudo, seu “[...] maior ensinamento [...] é a impossibilidade de uma redução completa” (Merleau-Ponty, 2018, p. 10). Despir-se de si mesmo deve se tornar um exercício constante, mas não se pode lançar no esquecimento, plenamente, aquilo que viabiliza a identificação da própria subjetividade com a corporeidade no mundo.

Nesse sentido, pesquisas contemporâneas têm enfatizado que a formação clínica deve contemplar competências que permitam ao terapeuta reconhecer e responder às dimensões religiosas e espirituais apresentadas pelos clientes, em vez de suprimir automaticamente essas experiências, o que demanda sensibilidade e reflexão acerca das próprias crenças profissionais. Tal postura reforça uma prática clínica centrada na demanda do paciente, evitando a imposição de crenças pessoais do terapeuta (HaCohen, 2025; Salicru, 2025).

Eu evito ao máximo levar minha crença para dentro do *setting* terapêutico. Então, eu vou trabalhar dentro daquilo que o sujeito me traz. Eu não coloco os meus valores ali (P1).

[...] quando ele traz a espiritualidade, nós assim o abordamos, mas quando não traz, isso não é algo a ser trabalhado, até porque a demanda é do cliente. A questão da clínica é que o enfoque é sempre no paciente. Se ele traz isso para a clínica, da questão da espiritualidade, nós podemos conversar, tratá-lo a respeito disso (P3).

Eu percebi também que posso ter uma neutralidade, de alguma forma, apesar da minha crença. [...] Eu posso crer no que eu quiser e ter um certo distanciamento disso até para tratar, para ajudar no tratamento dos pacientes (P21).

Embora os estudantes utilizem o termo “neutralidade”, suas falas revelam um esforço de distanciamento reflexivo. Observa-se o reconhecimento da centralidade da demanda do paciente no *setting* terapêutico, compreendendo que as próprias crenças espirituais devem ser colocadas em suspensão. Contudo, essa suspensão não é vivida como neutralidade absoluta, mas como um exercício contínuo de reflexão e posicionamento ético diante do outro.

Nesse contexto, a empatia emerge como um recurso fundamental para o manejo ético da espiritualidade no *setting* terapêutico, possibilitando que o estagiário se aproxime da experiência do paciente sem sobrepor suas próprias crenças.

A empatia, como ferramenta auxiliar para que a relação entre estagiário e paciente seja fluida e favorável para ambos, refere-se à capacidade de se colocar no lugar do outro, buscando compreender percepções, sentimentos e emoções por meio de recursos cognitivos e afetivos, mobilizando sensibilidade na relação clínica (Roza & Guimarães, 2022).

Estar escutando, estar interpretando, e estar fazendo com que o paciente se escute, porque o *setting* terapêutico é muito um espaço do paciente falar e se escutar, se interpretar e tentar buscar respostas, enfim (P11).

“Eu acho completamente essencial. Apesar de, independentemente de eu não ter isso comigo, o meu atendimento se dá para o outro. Então, quando eu trato, quando eu cuido, quando eu acolho é sempre o outro com todas as suas questões, com tudo o que ele traz para a clínica (P24).

Essa postura aproxima-se da compreensão rogeriana de empatia e aceitação incondicional como elementos centrais da relação terapêutica (Rogers, 2019). Ao acolher a demanda do paciente por meio da *epoché*, o estagiário sustenta uma escuta empática que possibilita a compreensão da experiência vivida do outro, sem fusão ou apagamento das diferenças. Nesse encontro entre dois seres-no-mundo, a sensibilidade torna-se condição fundamental para a construção de um vínculo ético, respeitoso e favorecedor de processos de crescimento e autoatualização (Silva, 2009; Rogers, 2019).

Ao adentrar o *setting* terapêutico, o paciente traz consigo sua singularidade, na qual se insere também sua relação com a espiritualidade. Quando essa relação se expressa por meio de crenças ou práticas religiosas desconhecidas pelo estagiário, o acolhimento empático inaugura a necessidade de aproximação reflexiva com esse novo, compreendido como parte constitutiva da experiência do paciente.

Então, quando você entende a fé do outro, você a compreende, você sabe como ele pensa a partir daquilo, isso pode ser uma ferramenta a mais para ajudar no trabalho terapêutico, mesmo que você não a envolva diretamente (P3).

Primeiro, buscar entender esse processo. Segundo, se eu não conheço a religião dele, buscar conhecer, me permitir conhecer. Se for uma questão que a religião está implicando no processo do paciente, de ele estar na vida, por exemplo, porque pode ser que isso aconteça, eu vou tentar compreender esse contexto, compreender a religião dele, estudar sobre a religião dele e, através desse estudo, buscar meios de ajudar esse paciente (P6).

A busca por esse aprofundamento revela o investimento ético do estagiário no exercício de suas atribuições clínicas, indicando que a compreensão da espiritualidade do paciente não se limita ao domínio técnico, mas envolve, sobretudo, uma postura relacional sensível. Nessa perspectiva, as atitudes do terapeuta – mais do que seus procedimentos ou técnicas – assumem

papel central na construção da relação terapêutica, uma vez que é a forma como são percebidas pelo paciente que sustenta o vínculo e favorece os processos de cuidado (Rogers, 2019).

A abertura empática e a receptividade às experiências do outro ampliam a compreensão dos sentidos atribuídos pelo paciente à sua vivência espiritual, fortalecendo a autenticidade da relação terapêutica. Ao agir de modo congruente e atento à singularidade do paciente, o estagiário possibilita um espaço de escuta no qual a espiritualidade pode ser integrada à clínica sem imposições ou reducionismos, favorecendo um processo reflexivo que se aproxima da redução fenomenológica.

A redução fenomenológica implica um movimento de distanciamento reflexivo que permite ao terapeuta aproximar-se da experiência do paciente com maior abertura e sensibilidade. Ao suspender referenciais prévios, o estagiário cria condições para acolher o mundo-da-vida do outro, acessível apenas por meio da descrição da experiência vivida. Nesse processo, a clínica se configura como um espaço de reaproximação do sujeito consigo mesmo e com o mundo, favorecendo a ressignificação de sentidos e a retomada de possibilidades existenciais. O trabalho terapêutico, assim, exige que o profissional esteja atento ao sistema eu-outro-mundo, sustentando uma relação ética que pressupõe o esclarecimento contínuo de suas próprias questões (Capalbo, 2007; Silva, 2009).

A terapia pessoal como suporte à prática clínica

A terapia pessoal, como espaço de aprofundamento do autoconhecimento e de elaboração da própria experiência subjetiva, configura-se como um suporte fundamental para a prática clínica em Psicologia. O terapeuta é convocado a reconhecer seus limites, afetos e atravessamentos, uma vez que sua disponibilidade ao outro está diretamente relacionada ao modo como lida com suas próprias questões.

Nesse sentido, compreende-se que o profissional só pode acompanhar o paciente até os limites que ele próprio consegue sustentar reflexivamente. Assim, a elaboração de conteúdos que mobilizam o terapeuta – relacionados à espiritualidade ou a outros aspectos de sua história e valores – torna-se condição essencial para o exercício ético da clínica psicológica.

Eu acho que, além da supervisão, um fator primordial é o psicólogo, o profissional fazer terapia, para não ser atravessado por essas questões de uma forma que isso impacte o atendimento dele com o seu cliente ou com o seu paciente, que isso não venha atrapalhar, implicar nisso, que vá cristalizar ou venha mobilizar ele nesse atendimento (P6).

[...] na graduação é importante trabalhar essa questão das diferenças que podem surgir e que o terapeuta deve manter, é recomendado que faça a sua terapia também, até para poder trabalhar melhor com as suas questões que podem surgir no atendimento, para que ele não possa acabar negligenciando a questão do paciente em função das suas próprias questões (P8).

Rogers (2019) destaca que, para facilitar o desenvolvimento pessoal do outro na relação terapêutica, é necessário que o próprio terapeuta esteja implicado em um processo contínuo de desenvolvimento, ainda que esse percurso seja, por vezes, penoso. Tal desenvolvimento encontra-se, na terapia pessoal, um espaço privilegiado de elaboração da própria experiência subjetiva.

Nesse sentido, a terapia pessoal e a participação em supervisões clínicas configuram-se como recursos fundamentais para o manejo dos atravessamentos que emergem no *setting* terapêutico, incluindo aqueles relacionados à religiosidade e à espiritualidade do terapeuta. Ao favorecer a reflexão sobre os próprios afetos, valores e limites, esses espaços contribuem para reduzir o risco de identificações excessivas, projeções e deslocamentos indevidos sobre o paciente, sustentando uma escuta ética e responsável (Ancona-Lopez, 2008 como citado em Henning-Geronasso & Moré, 2015).

A relação de ajuda terapêutica se fortalece quando o cuidado dispensado ao paciente se funda, também, em um cuidado dirigido a si mesmo. Trata-se de um movimento que, ao ser elaborado pelo terapeuta, pode transbordar para o encontro clínico, qualificando a relação terapêutica e ampliando as possibilidades de cuidado no contexto da prática psicológica (Boff, 2014).

Rogers (2019) compreende que a capacidade de estabelecer relações de ajuda que favoreçam o crescimento e a autonomia do outro está diretamente relacionada ao nível de desenvolvimento pessoal do próprio terapeuta. Assim, o exercício clínico implica um compromisso contínuo com o próprio amadurecimento psicológico, entendido como um processo permanente de reflexão, implicação e cuidado consigo mesmo, que sustenta a qualidade das relações terapêuticas ao longo da prática profissional.

O vínculo oriundo da relação de ajuda se estabelece a partir de sentimentos de confiança e afinidade, o que não implica, contudo, ausência de limites ou mistura entre os sujeitos. Como em toda relação saudável, há aspectos que aproximam pela semelhança, ao mesmo tempo que persistem diferenças que precisam ser preservadas. A terapia pode ser compreendida, assim, como um intercruzamento entre indivíduos singulares, que se encontram no vínculo sem perder suas posições próprias.

O mundo pode ser compreendido como um campo relacional no qual sujeitos, coisas e perspectivas se encontram e se inter-relacionam a partir da experiência vivida. Nesse campo, a percepção possibilita que os indivíduos se captem mutuamente, estabelecendo vínculos, afinidades e formas de comunicação que os conectam. Trata-se de um espaço de inter-relações possíveis no qual os projetos, sentidos e realizações humanas se constituem no encontro entre os seres-no-mundo, à medida que a percepção os abre e os revela na experiência (Silva, 2009).

A terapia constitui o espaço comum que sintoniza estagiário e paciente no encontro clínico. Nesse sentido, reafirma-se a importância da terapia pessoal como suporte à prática clínica, uma vez que ela favorece o desenvolvimento da empatia, da aceitação do outro e da capacidade de redução fenomenológica. Ao possibilitar a vivência dos lugares de terapeuta e de paciente, a terapia pessoal contribui para a formação de uma postura clínica mais consciente e sensível. Assim, um estagiário torna-se mais apto a se disponibilizar para o outro, independentemente de sua

espiritualidade ou da ausência dela, sustentando uma prática ética, comprometida com a singularidade do paciente.

O papel da graduação relacionado à espiritualidade

O oferecimento de um espaço de discussão e reflexão na graduação

Para os estagiários em fase final da graduação em Psicologia, a existência de espaços institucionais de discussão e reflexão acerca da espiritualidade foi apontada como uma possibilidade relevante para a ampliação do conhecimento sobre a temática. O oferecimento de palestras, cursos optativos e atividades extracurriculares poderia favorecer o contato inicial dos estudantes com o tema, respeitando a autonomia e o interesse individual de cada um.

Além disso, a participação em pesquisas, como projetos de iniciação científica, foi mencionada como uma via possível para o aprofundamento teórico e reflexivo, contribuindo para uma compreensão mais crítica e fundamentada da espiritualidade no contexto da prática psicológica. Esses espaços de troca possibilitam que os estudantes expressem suas percepções, conheçam diferentes perspectivas e dialoguem com professores e profissionais experientes, ampliando sua capacidade interpretativa diante das demandas que emergem no *setting* clínico.

Então, acho que seria muito interessante e proveitoso fazer esse tipo de reflexão, ter algum espaço aberto exatamente para esse tipo de discussão. A questão da espiritualidade, da fé é um componente muito básico do ser humano (P3).

Talvez uma reflexão sobre espiritualidade e o exercício durante a graduação de Psicologia, porque a gente vê quanto isso tem sido uma constante nos alunos que vêm chegando para os supervisores falando sobre quanto se sentem incomodados em lidar com outras pessoas que têm uma religião diferente da deles, então, nós vamos refletir sobre o que é religião, o que é espiritualidade, sobre essa questão de não ter limites, essa questão da diversidade de culturas, de religiões, enfim (P5).

[...] quando você abre um canal de discussão, tem várias opiniões, enfim, várias compreensões diferentes daquelas e que aí, de certa forma, você consegue pincelar uma coisa aqui, outra ali e fazer um saber para você, algo que faça sentido para você. E aí, quando profissionalmente você se encontra com a religião, e que na graduação teve uma discussão sobre aquilo, é possível você contribuir de uma forma menos posicionada (P9).

Então, eu acho que essas duas coisas que faltariam para o graduando em Psicologia, um espaço de teoria acerca da espiritualidade e as suas implicações no ser humano e um espaço de discussão para e acerca desse tema entre os colegas, porque aí eu não me restringiria à minha impressão (P20).

A possibilidade de criação desses espaços de discussão trouxe à tona a questão do preparo para o manejo da espiritualidade na prática clínica. Embora, como discutido na categoria anterior, esse preparo seja favorecido pela terapia pessoal, os participantes ressaltaram que ele deve ser iniciado ainda no contexto da graduação. Considerando que a introdução à prática

clínica ocorre no estágio curricular, acompanhado por supervisão, faz sentido compreender que a formação para lidar com demandas relacionadas à espiritualidade também se inicie nesse momento formativo.

Resultados de pesquisas com graduandos de Psicologia reforçam essa perspectiva. Em um estudo realizado com estudantes do 1º ao 5º período do curso, evidenciou-se a preocupação dos participantes quanto à inserção da espiritualidade na prática profissional, bem como a importância de elaborarem previamente suas próprias questões relacionadas ao tema, de modo a se sentirem mais preparados para acolher essas demandas no *setting* terapêutico (Carvalho et al., 2011).

Eu acho que é até importante você trazer de certa forma algum estudo, ou alguma leitura específica, ou algo que possa fazer com que os alunos de Psicologia estejam de certa forma meio preparados a encarar demandas que estejam ligadas à espiritualidade (P7).

Então, eu acho que seria mais interessante uma preparação justamente para que haja um cuidado de não misturar os campos do que fazer com que o psicólogo acabe adentrando nesse campo e caindo numa armadilha, literalmente (P8).

Eu acho que nós, como estudantes em formação, não temos base nenhuma para lidar como esse âmbito religioso. Acho que falta muita pesquisa, acho que falta muita coisa, muito material. Ao menos eu não tenho acesso, mas assim, eu sinto uma falta de preparo (P13).

As falas dos participantes indicam uma percepção recorrente de despreparo para lidar com demandas espirituais no contexto clínico, associada à preocupação ética em não confundir o papel do psicólogo com práticas religiosas. Essa dificuldade também tem sido apontada na literatura recente, que destaca a necessidade de que a formação em Psicologia inclua espaços de reflexão e preparo técnico para o manejo da espiritualidade na prática profissional.

Nesse sentido, estudos contemporâneos têm enfatizado que a formação clínica em Psicologia deve contemplar o desenvolvimento de competências que permitam ao terapeuta reconhecer, acolher e manejar adequadamente as dimensões religiosas e espirituais apresentadas pelos pacientes, quando estas emergem no contexto terapêutico. Koenig (2012, 2020) destaca que a espiritualidade constitui uma dimensão significativa da experiência humana e, portanto, pode atravessar o sofrimento psíquico, os processos de adoecimento e os modos de enfrentamento, demandando do profissional preparo ético e técnico para lidar com tais conteúdos sem reduzi-los ou patologizá-los.

Nessa perspectiva, o desafio clínico não consiste em suprimir ou ignorar as experiências espirituais do paciente, mas em acolhê-las a partir da demanda apresentada, evitando que crenças pessoais do terapeuta sejam impostas ao processo terapêutico. Tal postura exige sensibilização de clínica, reflexão constante sobre os próprios valores e um posicionamento profissional centrado no paciente, no qual a espiritualidade é compreendida como um possível recurso simbólico e existencial, e não como um campo de orientação doutrinária (Koenig, 2020).

Corroborando essa compreensão, HaCohen (2025) aponta que a atuação clínica eticamente responsável pressupõe a capacidade do terapeuta de sustentar uma escuta aberta e reflexiva diante das experiências espirituais do outro, reconhecendo seus próprios atravessamentos subjetivos e limites profissionais. Assim, a formação do psicólogo deve favorecer espaços de elaboração crítica dessas questões, de modo que o manejo da espiritualidade na clínica se dê em consonância com a centralidade da demanda do paciente e com os princípios éticos da prática psicológica.

Os estagiários demonstraram uma compreensão de que o preparo para lidar com demandas que envolvem a espiritualidade é construído ao longo da experiência clínica, especialmente na vivência dos atendimentos supervisionados. Assim, a aquisição de ferramentas para o trabalho passa por um processo contínuo de descoberta, apreensão e aperfeiçoamento, que poderia ser favorecido por espaços formativos prévios e concomitantes ao estágio.

[...] eu acho que atender é como uma estreia de um palco. Você nunca está preparado, porque você não sabe qual é a plateia que está ali, e eu acho que o preparo vem na troca. Porque eu acho que é um preparo construído na relação com o outro, no caso, com o paciente (P9).

Eu acho que esse é um preparo contínuo mesmo, para toda a vida, no exercício, né? Nos atendimentos, de receber essas pessoas. Eu acho que o preparo vem ao longo da vida (P11).

Ancona-López (2005 como citado em Pereira & Holanda, 2016) destacou que pouco ou quase nenhum espaço é dispensado, no âmbito acadêmico brasileiro, para a reflexão sistemática acerca da espiritualidade, apesar da existência de estudos nacionais e internacionais sobre o tema. Essa postura historicamente omissiva contribui para a deslegitimação da espiritualidade como um campo relevante de conhecimento e de enriquecimento da prática profissional.

Considerando que a Psicologia transita entre os campos das Ciências Humanas, Sociais, Filosóficas e da Saúde, evidencia-se a necessidade de ampliar esse debate na formação acadêmica, de modo a superar paradigmas que ainda limitam a incorporação ética e crítica da espiritualidade na prática clínica.

Com base nessas reflexões sobre a necessidade de preparo e espaços formativos, os participantes também apontaram para a importância da inclusão mais direta da temática da espiritualidade na estrutura curricular da graduação em Psicologia.

A inclusão curricular de disciplinas acerca da espiritualidade

Para os estagiários, independentemente de suas crenças pessoais ou da ausência delas, emergiu a proposta de inclusão da temática da espiritualidade de forma mais estruturada na graduação em Psicologia. Essa inclusão poderia ocorrer por meio da criação de disciplinas específicas ou pela inserção de discussões sistemáticas em componentes curriculares já existentes, com foco na formação para o manejo clínico de demandas que envolvam a espiritualidade.

Acho que se nós tivéssemos uma matéria ou qualquer outra coisa a respeito de uma compreensão de como a fé é importante para a individualidade do sujeito [...], acho que seria muito interessante. Então, uma matéria ou outra a respeito de espiritualidade, de entender mesmo como funciona a religião (P3).

Eu acho que, enquanto psicóloga, na minha formação, eu acho que sim, eu acho que deveriam incluir uma matéria que falasse como a gente lidar com a questão da espiritualidade dentro desse atravessamento da clínica, de contato com o paciente. Eu acho que é algo a ser incluído dentro da nossa graduação enquanto Psicologia (P6).

[...] eu acho que deveria existir e ser incluído no currículo esse preparo, de como a gente lidar com a espiritualidade dos pacientes na clínica. Isso eu acho que seria ótimo, excelente. Como a gente, com a formação do psicólogo, vai trabalhar com uma questão que pode ser espiritual do paciente, não de uma maneira espiritualizada, mas como lidar com a espiritualidade do outro (P13).

Talvez fosse plausível e razoável que tivéssemos pelo menos uma disciplina que tratasse disso em termos teóricos. E uma outra disciplina subsequente que tratasse disso em termos de discussão, ou seja, que as pessoas pudessem falar, por exemplo, isso que eu estou falando aqui (P20).

A preocupação central expressa pelos participantes refere-se à condução ética da prática profissional diante de demandas que envolvem a espiritualidade do paciente. As falas indicam o esforço em sustentar uma postura clínica que acolha essa dimensão da experiência do outro, mantendo em suspensão as crenças pessoais do terapeuta e diferenciando aquilo que pertence ao campo religioso institucional daquilo que é atribuição específica do psicólogo. Essa compreensão dialoga com achados anteriores que apontam a curiosidade discente em relação à temática da espiritualidade e a necessidade de espaços formativos que favoreçam a reflexão ética sobre seus limites e possibilidades na prática clínica (Freitas, 2002 como citado em Pereira & Holanda, 2016). Ainda que persistam lacunas na abordagem direta do tema, observa-se que a formação em Psicologia tende a produzir profissionais atentos às suas atribuições e aos princípios éticos que orientam o exercício da clínica.

Estudos mais recentes reforçam a importância de que a formação acadêmica inclua, de modo mais sistemático, discussões sobre o manejo clínico da espiritualidade e da religiosidade dos pacientes. Henning-Geronasso e Moré (2015) destacam que essas dimensões fazem parte da constituição subjetiva e cultural dos indivíduos e, portanto, atravessam inevitavelmente a prática clínica. Resultados semelhantes foram encontrados por Carvalho et al. (2011), ao evidenciarem a abordagem superficial ou inexistente da temática ao longo da graduação. Em consonância com essas discussões, Koenig (2020) aponta que a ausência de preparo formal pode levar tanto à negligência quanto à confusão de papéis profissionais, reforçando a necessidade de uma formação que capacite o psicólogo a acolher a espiritualidade do paciente de forma ética, crítica e tecnicamente fundamentada.

Posicionamento docente: um distanciar-se da espiritualidade

Na percepção dos estagiários participantes da pesquisa, o posicionamento de parte dos docentes do curso é marcado por um distanciamento em relação à espiritualidade. Os estudantes relataram a presença de discursos críticos dirigidos às crenças espirituais e religiosas, interpretados como tentativas de deslegitimação dessa dimensão da experiência humana no contexto da formação em Psicologia.

Segundo os participantes, tais posicionamentos são vivenciados como pouco abertos ao diálogo e, em alguns casos, como eticamente problemáticos, ao sugerirem uma incompatibilidade entre Psicologia e espiritualidade ou ao favorecerem a desqualificação de crenças pessoais. Esses achados dialogam com estudos que apontam tensões históricas entre o campo psicológico e a espiritualidade no contexto acadêmico, frequentemente associadas a dificuldades na formação para o manejo clínico dessa temática (Pereira & Holanda, 2016; Koenig, 2020).

[...] alguns professores deveriam respeitar mais os alunos, porque a gente se depara com professor que não respeita muito e vai falando o que ele acha... E cada aluno tem seu credo, tem sua religião, sua maneira de pensar (P2).

Eu acho que para alguns professores, assim, para alguns profissionais, falta um pouco o olhar em relação à religião, porque muitas pessoas têm um pensamento muito crítico em relação a isso, e até que ponto esse pensamento crítico é realmente necessário? É claro que todos nós temos direito a opinar sobre qualquer tipo de situação, mas eu acho que a crítica pesa muito, porque aqui na faculdade a gente tem pessoas com diversas ordens religiosas, e você chegar e induzir que você tem que ser ateu, que você tem que se despir totalmente do seu eu para poder cursar Psicologia, eu acho que não é muito legal pensar nesse sentido, porque tem muitos professores que vão por esse lado de crítica mesmo, de apontar o dedo para a religião e falar que está errado (P12).

Alguns professores saem até do rumo, perdem o controle e tentam influenciar ao máximo o aluno, ridicularizando, inclusive, a crença dos alunos. Na verdade, teve vezes, assim, que eu achei aquilo uma falta de ética dos professores com relação à religião, à espiritualidade, entendeu? Mesmo que eles não concordassem, que mostrassem a teoria, não a opinião deles (P21).

As falas dos estudantes indicam que o posicionamento docente percebido como negativo em relação à espiritualidade contribui para a fragilização do diálogo acadêmico sobre o tema. Essa ausência de espaços formativos e de embasamento teórico-reflexivo é compreendida pelos participantes como um fator que impacta diretamente o preparo para o exercício profissional, especialmente no que diz respeito ao manejo ético de demandas espirituais na prática clínica.

Acredito que a faculdade não dá esse embasamento e que poderia dar e a gente não ter que pedir, mas a gente receber. A gente é muito carente desse assunto na faculdade (P19).

Ninguém fala sobre a espiritualidade na Psicologia. Eu acho, assim, que é uma coisa muito demonizada, até é engraçado falar essa palavra, mas é! A gente não tem esse diálogo sobre a espiritualidade, e quando tem, é assim, da porta da igreja para dentro. E o que for da porta da igreja para fora é diagnóstico, patológico (P13).

Estudos nacionais têm apontado a importância do diálogo entre Psicologia e espiritualidade na formação clínica, sobretudo por seu potencial de ampliar a compreensão do paciente e de seus modos de sofrimento e enfrentamento. Pereira e Holanda (2016) destacam que a espiritualidade pode tanto atuar como recurso protetivo quanto estar implicada em conflitos e angústias, o que reforça a necessidade de uma abordagem ética e crítica durante a formação acadêmica.

Entretanto, pesquisas indicam que esse diálogo ainda encontra resistência no contexto universitário. Henning-Geronasso e Moré (2015) evidenciam que estudantes e profissionais relatam a percepção de que a espiritualidade e a religiosidade não são tratadas de forma natural ou legitimada por docentes, sendo frequentemente associadas a conflitos entre religião e ciência, como se fossem incompatíveis com uma metodologia científica válida.

Resultados semelhantes foram encontrados por Vieira et al. (2013), ao identificarem um mal-estar relacionado ao respeito às crenças religiosas dos alunos no ambiente acadêmico. Nesse estudo, a espiritualidade e a religiosidade foram compreendidas pelos próprios estudantes como fatores de proteção à saúde e ao bem-estar, enquanto atitudes docentes negativas mostraram-se potencialmente prejudiciais à experiência acadêmica e à saúde psicológica discente.

Pereira e Holanda (2016) observam ainda que a universidade tende a ser percebida como um espaço predominantemente secularizado, no qual a presença de estudantes com práticas religiosas explícitas pode gerar estranhamento ou desconforto. Essa atmosfera contribui para o afastamento da temática da espiritualidade, iniciado muitas vezes no posicionamento docente e reverberado na vivência dos alunos, reforçando silenciamentos e dificuldades de elaboração dessa dimensão na formação em Psicologia.

A graduação como possibilidade de abertura do olhar

Apesar das críticas relacionadas ao posicionamento docente perante a espiritualidade, a graduação em Psicologia é compreendida pelos participantes como um espaço que possibilita a ampliação do olhar para si mesmo e para o outro. O curso, ao centrar-se na subjetividade e na compreensão da experiência humana, expõe os estudantes a diferentes visões de mundo e modos de compreender o homem. Ao longo da formação, diversas abordagens teóricas são apresentadas, com concepções que ora enfatizam a causalidade e os determinismos, ora destacam as potencialidades e o exercício da liberdade humana. Nesse sentido, os estudantes reconhecem a graduação como uma fonte de recursos que contribui para o desenvolvimento pessoal e para a ampliação da compreensão da espiritualidade, ainda que de forma indireta.

Eu diria que a graduação, na verdade, faz uma introdução, é um auxílio e, naquilo que ela se propõe, ela ajuda, só que a questão é muito maior do que isso. Então, por isso que eu acho que a vida acadêmica é só

um auxílio, uma ajuda. A faculdade só me ajudou, só me auxiliou para melhorar a minha espiritualidade (P11).

Para além de um auxílio pontual, os participantes relataram que a graduação em Psicologia exerce um papel provocativo, estimulando o desenvolvimento do senso crítico e a ampliação da compreensão sobre si, sobre o outro e sobre o exercício clínico.

Ela pode provocar o aluno para que ele entenda os seus conceitos, as suas causas e os seus efeitos, os seus atravessamentos no *setting* (P22).

A graduação ajuda a questionar. Ajuda a gente a compreender quando se trata de pacientes, mas de forma particular, acho que ajuda a questionar, ajuda a sair de um mundo muito fechadinho, ajuda a problematizar, a considerar tantas outras possibilidades. [...] com o desenvolvimento do senso crítico, eu pude questionar a minha espiritualidade, eu pude questionar a minha religião, eu pude questionar a ideia de religião (P24).

As falas indicam que, embora a graduação não seja percebida como um espaço sistemático de trabalho com a espiritualidade, ela cumpre um papel relevante na ampliação do olhar crítico dos estudantes. Ao promover questionamentos sobre conceitos, valores e atravessamentos subjetivos no *setting* terapêutico, a formação em Psicologia contribui para que os alunos revisitem suas próprias crenças e compreendam a espiritualidade de forma menos dogmática. Esse movimento favorece uma postura clínica mais reflexiva, na qual o futuro profissional se mostra mais disponível para lidar com a diversidade de experiências trazidas pelos pacientes, sem aderir automaticamente a explicações rígidas ou reducionistas.

A graduação desempenha, também, a função de ampliar o olhar dos estudantes, favorecendo a capacidade de pensar para além do próprio ponto de vista e reconhecer que o outro vivencia a espiritualidade e a religião de formas singulares. Nesse sentido, a formação acadêmica contribui para o exercício da *epoché* ao estimular uma postura de abertura, questionamento e suspensão de certezas prévias.

Eu percebi que eu abri muito a minha visão do que é religioso para mim e entendi que, às vezes, uma coisa que funciona para mim não funciona para o outro. Não é eu chegar e falar uma certeza que eu tenho e eu não posso dizer que o outro também tenha essa certeza [...]. Então, meu olhar foi mudando durante a graduação (P1).

Então, acho que a faculdade só ajuda você a fazer uma peneira do que você pode ser, ou abrir os seus olhares para você ser uma pessoa melhor, mas não necessariamente a religião esteja envolvida. É só para você ter o autoconhecimento, saber o que você quer. Ela te questiona o tempo todo (P17).

Hoje, a minha espiritualidade tem um valor para mim, e ela (a graduação) me ajudou a entender que cada um tem a sua e que eu não devo impor aquilo em que eu acredito ou aquilo que eu vivo num sentido de espiritualidade. Então, a graduação ajudou (P22).

As falas indicam que a graduação, embora não ofereça um trabalho sistemático sobre espiritualidade, contribui significativamente para o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante das diferenças. Ao estimular o questionamento contínuo, o autoconhecimento e a ampliação do olhar, a formação em Psicologia favorece o reconhecimento da alteridade e a compreensão de que as próprias crenças não podem ser tomadas como parâmetro universal. Esse movimento aproxima-se do exercício da *epoché*, na medida em que possibilita ao futuro profissional suspender certezas pessoais e adotar uma postura ética e respeitosa diante da singularidade do outro no contexto clínico.

Pereira e Holanda (2016) apontam que, para parte dos estudantes, o ambiente universitário é vivenciado como um espaço de multiplicidade de ideias e diversidade religiosa, no qual diferentes crenças e posicionamentos coexistem. Nessa perspectiva, a universidade pode ser compreendida como um lugar que valoriza o livre-arbítrio, o respeito às diferenças e a convivência entre distintas visões de mundo, buscando sustentar uma postura de respeito e não imposição perante as crenças religiosas e ideológicas dos sujeitos.

A coexistência da multiplicidade de ideias no contexto da graduação, favorecida pelo contato com diferentes perspectivas teóricas e experiências de mundo, pode repercutir em transformações na forma como os estudantes compreendem e vivenciam sua espiritualidade.

Então, a graduação me dá um embasamento de concepção de vida, de experiência de olhar a vida, de estar no mundo, mas também eu tenho a minha experiência da própria vida fora da graduação. Então, unindo as duas coisas, fazendo a relação entre as duas coisas, muitas coisas se modificaram, sim, em relação à minha espiritualidade com a religião (P6).

Você tem um leque grande de possibilidades de enxergar o ser humano, por exemplo, e com isso também, de enxergar o mundo. E aí, se você se permite pular de uma abordagem para outra, de um entendimento de ser humano para outro, você também começa a modificar outros processos pessoais de se entender o mundo e entender o ser humano e, com isso, inevitavelmente vai estar ligado à forma como você entende espiritualidade, mesmo você acreditando que tenha ou não (P7).

Então, sim, desde o meu início até aqui, fez diferença. Qualquer que fosse o curso, se eu fizesse Direito ou Engenharia, a minha espiritualidade seria alterada, porque eu seria alterado como ser humano, como disse eu, o meu conceito de espiritualidade é uma experiência íntima, então, eu seria alterado. No espectro da Psicologia, eu considero que isso ainda é mais forte, ou seja, essa alteração na minha percepção, da minha espiritualidade, foi maior do que seria em outros cursos, quaisquer que fossem eles, porque eu estou falando da subjetividade humana. Então, essas coisas acabam se confundindo um pouco (P20).

A graduação, nessa perspectiva, mostra-se como um espaço que favorece mudanças na espiritualidade dos estudantes ao ampliar seus modos de compreender o mundo, o outro e a si mesmos. Ao promover o contato com diferentes concepções de ser humano, abordagens teóricas e experiências subjetivas, o curso de Psicologia contribui para o desenvolvimento de uma postura mais reflexiva, que pode tanto fortalecer quanto ressignificar crenças previamente estabelecidas.

Contudo, esse mesmo movimento de ampliação do olhar pode gerar questionamentos e distanciamentos em relação às crenças espirituais e religiosas, especialmente quando tais vivências não encontram espaço de acolhimento e elaboração no contexto acadêmico, conforme apontado por Carvalho et al. (2011).

O afastamento da espiritualidade após a graduação

A graduação pode ocasionar, também, um afastamento da espiritualidade e de suas práticas. Entre os fatores apontados pelos participantes, destacam-se a redução do tempo disponível para dedicação à religiosidade institucional e a influência do ambiente acadêmico, especialmente no que se refere às críticas dirigidas à espiritualidade no contexto formativo.

Assim, não é que eu desanimei, mas só que, depois que eu comecei a graduação, eu não tinha tanto tempo para me dedicar como eu me dedicava antes. Então, não tinha mais tanto tempo para estar indo à igreja como eu ia antes... Eu acho que eu não desanimei porque eu quis, mas acabou não sendo como era antes, né? (P2).

Alguns participantes relataram a percepção de que, ao longo da graduação, há um discurso predominante que associa a espiritualidade e a religião a elementos negativos, como alienação ou limitação da autonomia subjetiva. Segundo esses estudantes, tal posicionamento docente poderia favorecer um distanciamento progressivo das crenças espirituais ou mesmo a adoção de posturas céticas ou ateias, não necessariamente por escolha pessoal, mas como efeito do ambiente acadêmico.

Olha, vou te falar, a graduação forma ateus. Eu vejo que, durante a graduação, eu fiquei um pouco cética também, por várias questões que os professores traziam, como que, por exemplo, a religião é um cabresto ali na pessoa, que serve como rédea para frear os instintos da pessoa... O curso de Psicologia critica as religiões, e muito (P5).

[...] eu achei em toda a graduação que tenta tirar ao máximo essa coisa da espiritualidade, de uma crença dos alunos (P21).

Para outros participantes, o afastamento ou a transformação da espiritualidade esteve associado a um processo de desconstrução de crenças previamente internalizadas, impulsionado tanto pelas leituras e discussões acadêmicas quanto pelo amadurecimento pessoal ao longo da formação. Nesses casos, a graduação não foi vivida como negação da espiritualidade, mas como um convite à ressignificação de suas formas de vivência.

Eu acreditava muito na questão do pecado, enfim, eu tinha isso muito enraizado, até pela minha vivência mesmo, mas isso foi um pouco desconstruído com estudo, com as leituras... (P12).

Antigamente, eu vivia dentro do centro espírita, achando que era só aquilo ali. Depois da Psicologia, [...] eu vi que não seria só isso, isso não bastava. É mais você com você mesmo, você fazendo as suas orações... Até fazendo oração, você diz muito sobre você. Porque não é o externo, é o interno (P14).

Eu não sei se a graduação teve um peso ou se foi a maturidade. Eu tinha 22 anos, então eu era nova quando comecei. Eu já não acreditava quase nada. Depois da faculdade, eu não sei se foi a graduação ou se foram as minhas vivências que fizeram com que eu não acreditasse (P17).

Estudos prévios indicam que a graduação em Psicologia pode estar associada a mudanças na vivência da espiritualidade. Cavalheiro e Falcke (2014), ao compararem ingressantes e formandos, observaram níveis mais elevados de bem-estar espiritual entre os alunos no início do curso, bem como maior crença na existência de um ser superior. Os autores também apontaram que determinadas abordagens teóricas tendem a favorecer maior aproximação ou distanciamento da espiritualidade. Resultados semelhantes foram encontrados por Vieira et al. (2013), que identificaram conflitos mais intensos entre espiritualidade e abordagens como a Psicanálise e o Behaviorismo.

Esses achados, contudo, não foram confirmados na presente pesquisa, uma vez que não se observou relação entre a escolha da abordagem teórica e a vivência espiritual dos participantes, indicando maior heterogeneidade entre crenças religiosas e orientações clínicas. Estudos mais recentes têm enfatizado que a relação entre formação acadêmica, espiritualidade e prática clínica é complexa e atravessada por múltiplos fatores, não podendo ser explicada de forma linear ou determinista (Pargament, 2021).

O ambiente da graduação, frequentemente pautado por um ideal de neutralidade, pode transmitir a compreensão de que a espiritualidade constitui um obstáculo ao exercício profissional ou à imparcialidade clínica. Contudo, diante de sua presença enraizada nas culturas e de sua influência significativa nos modos de existir, torna-se necessário problematizar tal posicionamento. Mais do que negar ou suprimir a espiritualidade, o desafio da formação em Psicologia parece residir na construção de um equilíbrio ético e reflexivo diante das tensões e divergências que atravessam essa temática.

Considerações finais

A Psicologia, como campo voltado ao cuidado subjetivo, propõe-se a compreender o indivíduo em sua singularidade e complexidade. Nesse contexto, a espiritualidade emerge como uma dimensão relevante da experiência humana, podendo atravessar os processos de sofrimento, cuidado e elaboração psíquica. Os resultados deste estudo evidenciam que, no estágio clínico, estudantes de Psicologia se deparam com demandas relacionadas à espiritualidade sem que, ao longo da graduação, tenham tido preparação sistemática para lidar com essa temática.

Apesar das lacunas formativas identificadas, os participantes demonstraram reconhecer a centralidade da demanda do paciente no *setting* terapêutico, sustentando a necessidade de diferenciar suas crenças pessoais das experiências trazidas pelo outro. A redução fenomenológica

mostrou-se um recurso fundamental nesse processo, compreendida não como neutralidade absoluta, mas como exercício reflexivo de abertura à experiência do paciente. A terapia pessoal também foi apontada como suporte relevante à prática clínica, favorecendo o reconhecimento dos próprios atravessamentos.

Os achados indicam, ainda, que o posicionamento docente perante a espiritualidade exerce influência significativa sobre a vivência discente, sendo frequentemente percebido como marcado por distanciamento e valoração negativa da temática. Ao mesmo tempo, a graduação foi reconhecida como um espaço de ampliação do olhar, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico, a problematização das próprias crenças e a compreensão da diversidade de modos de existir.

Diante disso, a inclusão de espaços de discussão e conteúdos curriculares que abordem a espiritualidade de forma ética, crítica e não confessional pode contribuir para a formação de psicólogos mais preparados para lidar com essa dimensão na prática clínica, sem que isso implique a validação de crenças religiosas.

Como limitação do estudo, destaca-se o recorte institucional e geográfico, bem como a centralidade da perspectiva discente. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem essa investigação em diferentes contextos formativos e incluam a perspectiva de docentes e supervisores clínicos, contribuindo para o avanço do debate sobre espiritualidade e formação em Psicologia.

Agradecimentos

Produto acadêmico da dissertação de Mestrado da autora Isadora Pinto Flores, intitulada “Percepções dos graduandos de Psicologia acerca da espiritualidade enquanto experiência vivenciada na prática do estágio curricular: um olhar fenomenológico”, realizada pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde, da Universidade Federal Fluminense em Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Referências

- Boff, L. (2014). *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. (9a ed.). Vozes.
- Capalbo, C. (2007). A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), 25–50. https://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1809-68672007000100003.
- Carvalho, A. G., Agudo, C. O., Coelho, D. S. A. M., & Boccacandro, M. P. R. (2011). Espiritualidade em estudantes de Psicologia de uma universidade brasileira. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 31(81), 516–526. <http://www.redalyc.org/pdf/946/94622764018.pdf>.
- Cavalheiro, C. M. F., & Falcke, D. (2014). Spirituality in psychology academic training: a comparative study of senior and freshmen undergraduate students in Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia*, 31(1), 35–44. <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n1/a04v31n1.pdf>.
- Fisher, J. W., & Brumley, D. (2007). Nurses' and carers' spiritual wellbeing in the workplace. *Australian Journal of Advanced Nursing*, 25(4). https://www.ajan.com.au/archive/Vol25/Vol_25-4_Fisher.pdf.
- Fleck, M. P. A. (2000). O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1), 33–38. <http://www.scielo.br/pdf/fm/v26n4/a01v26n4.pdf>.
- Flores, I. P. (2024). Espiritualidade no ensino em Psicologia: Percepções vivenciadas pelo docente à luz da fenomenologia merleau-pontyana [Tese de Doutorado, Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde, Universidade Federal Fluminense].
- Gil, A. C., & Yamauchi, N. I. (2012). Elaboração do projeto na pesquisa fenomenológica em enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, 26(3), 565–573. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6613>.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (7a ed.). Atlas.
- HaCohen, N. (2025). Navigating spiritual and religious identities in psychotherapy: Lessons from a multicultural clinical psychology masters training program in Israel. *Psychotherapy*, 10.1037/pst0000604. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/pst0000604>
- Henning-Geronasso, M. C., & Moré, L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 711–725. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932015000300711&script=sci_abstract.
- Koenig, H. G. (2012). Religion, spirituality and health: The research and clinical implications. *International Scholarly Research Network*, 2012, 278730. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>.
- Koenig, H. G. (2020). *Religion and mental health: Research and clinical applications* (2nd ed.). Academic Press.
- Matthews, E. (2011). *Compreender Merleau-Ponty*. Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. WMF Martins Fontes.
- Pargament, K. I. (2021). Religion and spirituality in psychology: Critical reflections, future directions. *American Psychologist*, 76(4), 590–602. <https://doi.org/10.1037/amp0000710>
- Pereira, K. C. L., & Holanda, A. F. (2016). Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 8(2), 385–413. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1405>.
- Polit, D. F., & Beck, C. T. (2018). *Pesquisa em Enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem*. (9a ed.). Artmed.
- Ramos, C. M., Pacheco, Z. M. L., Oliveira, G. S., Salimena, A. M. de O., & Marques, C. da S. (2022). Entrevista fenomenológica como ferramenta de pesquisa em enfermagem: reflexão teórica. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 12. <https://doi.org/10.19175/recom.v12i0.3778>.
- Rogers, C. R. (2019). *Tornar-se pessoa*. (6a ed.). WMF Martins Fontes.
- Roza, S. A., & Guimarães, S. R. K. (2022). Relações entre leitura e empatia: Uma revisão integrativa da literatura. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 24(2), ePTPPE14051. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE14051.en>.

- Salicru, S. (2025). A new evidence-based spirituality framework for mental health practitioners: A concept analysis and integrative review. *Spiritual Psychology and Counseling*, 10(1), 69–99. <http://doi.org/10.37898/spiritualpc.1574613>
- Santos, A. S. S., Pereira, E. R., & Silva, R. M. C. R. A. (2025). Ciência e espiritualidade: Duas esferas convergentes. In Atena Editora (Org.), *Ciências humanas, pensamento crítico e transformação social* (pp. 118–123). Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.305112521019>
- Silva, R. M. C. R. A. (2009). O conceito de corpo em Merleau-Ponty como tentativa de superação do dualismo psicofísico. In E. R. Teixeira (Org.), *Psicossomática no cuidado em saúde: atitude transdisciplinar* (pp. 31–67). Yendis.
- Vieira, T. M., Zanini, D. S., & Amorim, A. P. (2013). Religiosidade e bem-estar psicológico de acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 17(2), 141–151. <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/26678>.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>.

Contribuição de cada autor na elaboração do trabalho:

Isadora Pinto Flores: Idealização da pesquisa, ida a campo, análise, escrita e revisão.

Eliane Ramos Pereira: Idealização da pesquisa, análise, escrita e revisão.

Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva: Idealização da pesquisa, análise, escrita e revisão.

Janaína Mengal Gomes Fabri: Escrita e revisão.

Vanessa Carine Gil de Alcantara: Escrita e revisão.

EQUIPE EDITORIAL

Editor-chefe

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

Editores Associados

Alessandra Gotuzo Seabra
Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de Seção

“Avaliação Psicológica”

André Luiz de Carvalho Braule Pinto
Danielle de Souza Costa
Natália Becker
Lisandra Borges Vieira Lima
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Thatiana Helena de Lima

“Psicologia e Educação”

Carlo Schmidt
Kátia Carvalho Amaral Faro
Natália Martins Dias

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Fernanda Maria Munhoz Salgado
Gabriel Gaudencio do Rêgo
João Gabriel Maracci Cardoso

“Psicologia Clínica”

Cândida Helena Lopes Alves
Loraine Seixas Ferreira
Vinicius Pereira de Sousa

“Desenvolvimento Humano”

Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
João Rodrigo Maciel Portes

Artigos de Revisão

Jessica Mayumi Maruyama

Suporte Técnico

Maria Gabriela Maglio
Davi Mendes

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação editorial

Surane Chiliani Vellenich

Preparação de originais

Hebe Ester Lucas

Revisão

Luciana Moreira

Diagramação

Studio Acqua